

LITERATURA NO LIVRO DIDÁTICO

Marta Passos

Este trabalho faz parte de uma pesquisa sobre a formação da criança como leitora de literatura, desenvolvida na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), na cidade de Ilhéus, Bahia. Nessa pesquisa partimos do pressuposto de que a escola utiliza a literatura como instrumento de formação social da criança. Como amostra, selecionamos uma turma de 4ª série de uma escola da rede pública da periferia da cidade. Os alunos dessa turma tinham acesso à literatura somente através do livro didático. Foi assim que esse suporte tornou-se um importante objeto de nossa pesquisa. Apresentaremos aqui uma análise da forma como o livro didático utilizado na série estudada — *Viver e aprender Português 4*, de Cloder Rivas Martos, editora Saraiva, 2000 — *trabalha* o texto literário.

O autor do livro inicia o texto de apresentação da seguinte forma: *‘Este livro pretende ajudá-lo a aprender a Língua Portuguesa de forma agradável e envolvente. Ele foi escrito a partir da vivência de crianças como você: da maneira como agem, do que aprendem nessa idade e valorizando o conhecimento que cada um traz para a escola’* (Martos, 2000, p.2). O ensino da Língua Portuguesa é a prioridade do autor. E a forma “agradável e envolvente” está relacionada ao fato do livro conter histórias de crianças que teriam a mesma idade do leitor, agiriam da mesma forma e estariam aprendendo as mesmas coisas. Ao analisar o livro percebemos que essas “crianças” são personagens ficcionais de textos literários. O autor aproxima leitores e personagens, *‘crianças como você’*, querendo formar uma “comunidade” de comportamentos previsíveis e ao mesmo tempo parecendo querer controlar esses comportamentos. Sendo assim, o autor utiliza fragmentos de textos literários para se aproximar de seu leitor, pretendendo com isso tornar o ensino da Língua Portuguesa “agradável e envolvente”.

Que tipo de texto literário foi encontrado no livro didático analisado? Encontramos histórias de qualidade literária reconhecida, como *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga Nunes, *Bem do seu tamanho*, de Ana Maria Machado e *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque. Porém, a forma como esses textos são apresentados e trabalhados no livro didático nos mostra que a ficção é controlada: os textos literários são transformados em textos informativos.

A literatura possui propriedades específicas que, segundo Souza (1991, p.44), podem ser resumidas em uma elaboração especial da linguagem e na constituição de universos ficcionais ou imaginários. Sem dúvida, os conceitos apresentados exigem definição, mas podemos afirmar que a subjetividade é uma importante característica da linguagem literária e que a ficção permite que o texto não esteja submetido à realidade. No livro didático, os textos passam a ser caracterizados pela objetividade imposta por uma função pedagógica que guia o aluno a determinadas “interpretações”, que transforma o texto literário em uma reprodução do mundo real. Sendo assim, a ficção é controlada. O objetivo é contribuir para a formação do aluno, aumentando seu vocabulário e definindo formas de sentir e de se comportar na sociedade. Portanto, leitores de literatura não estão sendo formados.

No livro didático, o texto literário é transformado em texto informativo-pragmático. Para demonstrar como esse processo é realizado, apresentaremos uma análise de uma unidade do livro utilizado na série estudada. A análise dessa unidade destaca os dois dispositivos estudados por Chartier (1996): os procedimentos de produção de textos e os de produção de livros. Os primeiros dizem respeito ao protocolo de leitura (maneira de ler) imposto pelo autor. Os últimos dizem respeito às formas tipográficas: a disposição e a divisão do texto, sua tipografia, sua ilustração. Esses procedimentos pertencentes à impressão podem sugerir leituras diferentes de um mesmo texto (Chartier, 1996, p.96). Em se tratando do livro didático, o autor tem sua autoria reconhecida

no trabalho de seleção, recorte e ordenação do objeto literário; na formulação de perguntas e respostas (presentes nos exemplares do professor) e de atividades relacionadas ao texto.

O texto é o “carro-chefe” de todas as unidades do livro, servindo como pretexto para o ensino da Língua Portuguesa, ao servir como base para as atividades de gramática e de produção de texto. O “carro-chefe” da unidade analisada é um fragmento retirado do início da história *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque. Essa história dialoga com uma antiga matriz textual, muito conhecida pelas crianças: o conto de fadas *Chapeuzinho Vermelho*. O autor do livro didático, antes de apresentar o texto, faz questão de estabelecer uma ligação entre as duas histórias. “*Quem não conhece a história de Chapeuzinho Vermelho? O compositor Chico Buarque criou Chapeuzinho Amarelo. Vamos conhecê-la.*” No exemplar dos professores, ainda encontramos a indicação: “Retomar a história do Chapeuzinho Vermelho”. Ao informar aos leitores que quem criou a história que será apresentada foi o compositor Chico Buarque, o autor dá margem para a seguinte confusão: afinal, *Chapeuzinho Amarelo* é uma história ou uma letra de música? Apesar de Chico Buarque ser mais conhecido como compositor, e cantor, informação que também poderia ser divulgada, o autor do livro didático não o apresenta como escritor.

Enquanto esse conto reforça a necessidade da criança obedecer ao adulto, de ter medo do proibido, a história de Chico Buarque valoriza a destruição do medo. Chapeuzinho Vermelho é a menina desobediente, que não segue os conselhos de sua mãe, que não tem medo do lobo mau, já que prefere chegar à casa de sua avó pelo caminho da floresta, e que acaba sofrendo as conseqüências de tamanha falta de medo. Chapeuzinho Amarelo é a menina que tem medo de tudo e que consegue vencer todos os seus medos ao se deparar com o que mais temia: o lobo. O diálogo entre as duas histórias está centrado nestes três elementos: a menina, o medo e o lobo.

Contudo, o fragmento presente no livro didático, retirado do começo da história, não apresenta o principal medo da Chapeuzinho Amarelo: o medo do lobo. Sendo assim, o diálogo entre as histórias se perde. O livro didático apresenta um fragmento sem textualidade, sem uma unidade de linguagem. Magda Soares denuncia esse problema e denomina os fragmentos presentes em muitos livros didáticos de pseudotextos, *em que um ou alguns ciclos da seqüência narrativa são apresentados, faltando aqueles que os precedem ou o seguem* (1999, p.31). Um procedimento muito comum é o autor apresentar apenas o ciclo inicial da narrativa, a *exposição*. Magda Soares adverte que com isso a criança irá construir um conceito inadequado de texto, de narrativa, de leitura literária, e pode sentir-se autorizada a também escrever assim, acostumada que está com a falta de sentido das coisas que lê na escola (31). No livro didático analisado, o autor apresenta apenas o início da *exposição* da história de Chico Buarque. A história é interrompida antes do medo do lobo ser apresentado. Vale destacar que, na história de Chico Buarque, o encontro de Chapeuzinho Amarelo com o lobo faz com que ela supere todos os seus medos. No livro didático, a superação do medo não é apresentada. O sentido da obra de Chico Buarque é desfigurado.

As ilustrações também não apresentam a figura do lobo. Ao lado da história encontramos uma menina na cama, embrulhada em um cobertor amarelo, aparentando estar com medo de algo. A cama é ameaçadora: suas pernas têm o formato de patas de monstro e sua cabeceira se parece com a forma de uma cobra pronta para dar o bote. O medo é associado, pelo ilustrador, à noite, representada pela lua, coruja e por um gato preto todo arrepiado que aparecem atrás do vidro da janela do quarto da menina. Na segunda ilustração, ao lado do “Estudo das palavras”, aparece uma menina, de capa amarela, do feitio da famosa capa da Chapeuzinho Vermelho, com medo de sua sombra que se parece com a forma de um morcego. Na edição da José Olympio, ilustrada por Ziraldo, encontramos o desenho de uma menina com medo de sua sombra, que assume a figura

do medo que mais lhe atormenta: o lobo mau. A ilustração do Ziraldo admite muitas interpretações e é condizente com a história, enquanto que a ilustração presente no livro didático parece inserir um elemento novo: um morcego, ou um lobo muito mal desenhado, um lobo disfarçado de morcego.

Qual seria o motivo que levou o autor a priorizar os elementos menina e medo, deixando de fora o lobo? Vamos começar analisando o protocolo de leitura, a maneira de ler, presente no “balão” que aparece ao lado de todos os textos, no início de cada unidade, sob o título de “CONTE A SEUS COLEGAS”. Em todas as unidades, esse balão tem por objetivo fazer uma ligação entre o texto e a vida do aluno, a sua realidade. Nesta unidade o balão contém a seguinte mensagem: “Você tem medo de alguma coisa?” Analisando esse protocolo, podemos pressupor o objetivo do autor ao escolher esse fragmento de *Chapeuzinho Amarelo* e o que será trabalhado no texto: o medo. O fato do medo do lobo não aparecer na história nos leva a algumas interpretações: o autor está mais preocupado com medos mais “concretos”, relacionados a objetos reais: medo de subir e descer escada, de trovão, de minhoca, de sombra, de pesadelo. O objetivo do autor é fazer com que as crianças percam seus medos, é aproximar a história apresentada do mundo real.

Podemos interpretar que o personagem ficcional lobo está distante, para o autor, da realidade das crianças. Nem mesmo como metáfora, representando outros medos, o lobo interessa para o autor do livro didático. No “Estudo do texto”, podemos observar a relação que o autor do livro didático quer estabelecer com a realidade, entre personagem ficcional e crianças “de carne e osso”: “Na sua opinião, existem pessoas como Chapeuzinho Amarelo?” “Se Chapeuzinho Amarelo fosse sua amiga, que conselhos você daria a ela?” O autor parece descartar a possibilidade de uma criança da 4ª série acreditar em lobo mau. Que conselhos dar a uma menina de 4ª série que acredita em lobo mau? Parece que para o autor do livro didático nem mesmo

Chapeuzinho Vermelho seria tão ingênua para acreditar em um bicho como esse. “Compare Chapeuzinho Vermelho com Chapeuzinho Amarelo. Quais são as diferenças entre elas?” No exemplar do professor, encontramos a seguinte resposta: “Chapeuzinho Vermelho não vive com medo de nada; em compensação, Chapeuzinho Amarelo não consegue viver por causa do medo.” A pergunta 8 revela bem o objetivo do autor, o que ele pretende trabalhar no fragmento de texto literário: “De certo modo, esse texto nos traz uma lição. Qual seria essa mensagem?” No livro do professor, encontramos a seguinte resposta: “Quem tem medo de tudo deixa de viver”. Portanto, a criança não deve ter medo de nada, caso contrário corre o risco de deixar de viver. E se ela tiver medo? Parece que o melhor é ficar na cama, como Chapeuzinho Amarelo, “deitada, mas sem dormir, com medo de pesadelo”, ou esconder de todos o(s) medo(s) que sente. O ficcional da literatura é manipulado, controlado e o texto é transformado em um texto informativo-pragmático. A história “original”, *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque, não é indicada nem mesmo na referência bibliográfica apresentada. Essa referência nos informa que o texto foi retirado de um livro de Literatura Comentada, de 1980, publicado pela Abril Cultural. Será que esse livro também apresenta o mesmo fragmento presente no livro didático? Será que o autor do livro didático conhece a história completa de Chico Buarque?

Como o livro didático é a principal fonte de textos literários da turma escolhida como amostra desta pesquisa, podemos afirmar que os alunos dessa turma não têm acesso à literatura. O trabalho com o texto literário presente no livro didático contribuiu somente para a formação social da criança (que deve aprender como se comportar na sociedade)¹ e para o ensino da Língua Portuguesa. Logo, leitores de literatura não estão sendo formados pela escola.

¹ Uma “formação” bastante contestável.

Referências bibliográficas:

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*, 2ªed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BUARQUE, Chico. *Chapeuzinho Amarelo*, 7ªed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros*. Brasília: UNB, 1994.

_____, *Práticas da leitura*. Brasília: Estação Liberdade, 1996.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. “Os efeitos das perguntas para estudo de texto na compreensão da leitura” in *Cadernos de Pesquisa*. Belo Horizonte: NAPq, UFMG, 1991.

MARTOS, Cloder Rivas. *Viver e aprender português*, 4, 6ªed. São Paulo: Saraiva, 2000.

PAULINO, Graça. “Diversidades de narrativas” in *No fim do século: a diversidade — o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOARES, Magda. “A escolarização da literatura infantil e juvenil” in *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro Infantil e Juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOUZA, Roberto Acízelo de. *Teoria da literatura*. São Paulo: Ática, 1991.

ILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*, 10ª ed. São Paulo: Global, 1998.